

A Numismática Antiga: um balanço da investigação em Portugal

RUI M.S. CENTENO*

1. INTRODUÇÃO

A pouca relevância que a investigação numismática tem no momento presente em Portugal, não é uma situação meramente conjuntural mas, pelo contrário, será uma consequência da reduzida importância que entre nós sempre se atribuiu a esta disciplina. Na verdade, uma análise da bibliografia numismática portuguesa evidencia com clareza que, até aos finais do século XVIII, o estudo da moeda poucos cultores encontrou no nosso país.¹ Somente na segunda metade da centúria seguinte aparecerão as primeiras obras dignas de registo – os livros de Fernandes [1857] e Aragão [1870 e 1874-80] – fruto do grande desenvolvimento que a Numismática teve durante este século em toda a Europa.

Foi efectivamente durante o século XIX que a Numismática adquiriu um estatuto de ciência histórica. A investigação numismática, impulsionada pela publicação da obra monumental de Eckhel [1792-98], atinge grande dinamismo, assistindo-se então à edição de importantes trabalhos da especialidade, à for-

* Professor da Universidade do Porto, Faculdade de Letras, P-4100 Porto.
1. Vasconcellos 1923 p. 13-48, 69-87 e 99-137.

mação, ampliação e estudo de grandes colecções públicas e privadas e, por último, à fundação de associações e revistas de numismática.²

Este progresso dos estudos numismáticos, como já se disse, chegou também a Portugal ainda que de modo mais ténue e com repercussões pouco duradouras. Na verdade, durante o século XIX institucionaliza-se o ensino da Numismática entre nós,³ constituem-se alguns numofilácios importantes enquanto outros são consideravelmente aumentados com novas aquisições,⁴ publicam-se algumas obras de relevo⁵ e, enfim, surgem em Lisboa nos anos de 1895 e 1898 as duas primeiras sociedades de numismática do nosso País, ambas com a designação de Centro Numismático mas infelizmente de duração efémera.⁶ Pese a importância do labor produzido nesta centúria, verifica-se que ele resultou de uma série de esforços individuais, sem qualquer enquadramento ou apoio institucional, o que obstou à criação de condições que permitissem a prossecussão de todo o trabalho de investigação então iniciado. Assim se explica que após um período de incontestável florescimento dos estudos numismáticos – que ainda entra pelo século XX, mormente, devido aos trabalhos de J. Leite de Vasconcellos e A. Lamas – se tenha chegado a um estado de quase total letargia que vem afectando a investigação e o ensino desta ciência durante uma boa parte do nosso século.

A situação em que se encontram a grande maioria dos gabinetes de numismática existentes no nosso país é um bom testemunho, entre outros, do que acabamos de referir. Desprovidos de pessoal especializado e com as suas colecções estagnadas e, em alguns casos, delapidadas, estes gabinetes pouco mais são que «armazéns de moedas», em lugar de verdadeiros centros de investigação, ensino e divulgação da Numismática à semelhança do que se verifica por quase toda a Europa. Particularmente preocupante é a situação do Museu Numismático Português (na Casa da Moeda) e do Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional, instituições possuidoras de excelentes colecções de moedas e com possibilidades de desempenhar um papel primordial na dinamização dos estudos numismáticos.⁷

Cabe também aqui uma breve referência a propósito do contributo das associações numismáticas e das universidades para o progresso desta ciência. Em

2. Sobre o assunto cf. Babelon 1961 p. 373-83.

3. Vasconcellos 1923, p. 255-6.

4. Para um panorama das colecções de moedas, públicas e privadas, existentes em Portugal no século passado, veja-se Vasconcellos 1923 p. 185-253.

5. Particular realce merece a obra de Teixeira de Aragão sobre a numária portuguesa [Aragão 1874-80].

6. Vasconcellos 1923 p. 263-64.

7. Futuro auspicioso poderá ter o recém-inaugurado Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto, instalado na Casa Tait e albergando a colecção do extinto Museu Municipal. Acreditamos que, com as razoáveis condições de trabalho actualmente disponíveis e se a Câmara investir na admissão de pessoal especializado, este Gabinete rapidamente se transformará num importante polo de investigação.

relação às primeiras. é justo salientar o papel relevante da Sociedade Portuguesa de Numismática, fundada no Porto em 1952, que dentro das suas limitadas disponibilidades humanas e financeiras, tem sido uma das poucas instituições a desenvolver uma acção meritória no âmbito da divulgação da Numismática e de apoio à investigação, nomeadamente, com a publicação da revista *Nummus*⁸ e com o franqueamento da sua biblioteca especializada, porventura a melhor do género em Portugal.

Quanto à investigação e ao ensino da Numismática na Universidade podemos dizer que desde a sua criação nas Faculdades de Letras, em 1911,⁹ nem sempre se atribuiu a esta disciplina, assim como a outras, a importância que realmente merece, situação ainda hoje verificável, por exemplo, no Curso de História da Faculdade de Letras do Porto onde a Numismática não integra, nem como opção, o actual *curriculum* desta licenciatura.¹⁰ Se a isto acrescentarmos a inexistência de colecções de moedas para apoio à componente prática da disciplina e o deficiente apetrechamento das bibliotecas nesta área,¹¹ facilmente se compreenderá que estas limitações comprometem a eficácia do ensino da Numismática –situação já denunciada em 1970 por Hipólito ao duvidar do seu «[...] poder formativo e despertador de vocações»¹²– e sobretudo da pesquisa ao nível universitário. Sobre este último aspecto é sabido que poucos foram até hoje os docentes universitários que desenvolveram alguma investigação nesta área¹³ e, muito menos, os que a escolheram para realizar trabalhos destinados às suas provas académicas,¹⁴ o mesmo acontecendo com os alunos na escolha do tema para a dissertação de licenciatura até à sua extinção em 1974.¹⁵ Tal panorama tão pouco animador parece

8. A primeira série desta revista é constituída por 10 volumes publicados entre 1952 e 1976; a segunda série, iniciada em 1978, tem presentemente no prelo o volume XIV, referente a 1991.

9. De curso trimestral passou a semestral em 1918 [Vasconcellos 1923 p. 261]. As reformas curriculares decorrentes do 25 de Abril de 1974 pouco beneficiaram esta disciplina, uma vez que mantiveram a sua duração semestral, registando-se apenas um caso, o da Faculdade de Letras de Coimbra, onde passou a curso anual.

10. O ensino da Numismática apenas existe na variante de Arqueologia com uma duração semestral.

11. A Faculdade de Letras de Coimbra é a única excepção, dado que, desde o ano lectivo de 1971/72, dispõe de uma Sala de Numismática com uma pequena biblioteca e uma boa colecção de moedas.

12. Hipólito 1971 p. 562.

13. Entre os já desaparecidos devemos destacar os nomes de José Leite de Vasconcellos e Damião Peres, os únicos que têm obra significativa nesta área, sem esquecer Vergílio Correia e Manuel Heleno; para o momento presente apenas podemos referir Mário de Castro Hipólito, Maria José Pimenta Ferro Tavares e nós próprio.

14. Ao nível de doutoramento conhecemos a dissertação complementar de M.J.P. Ferro Tavares [Tavares 1981] e a nossa dissertação [Centeno 1987], trabalhos apresentados à FLUL e FLUP, respectivamente.

15. Temos notícia das dissertações de licenciatura de M. de Castro Hipólito [Hipólito 1959], M.I. Sousa Pereira [Pereira 1967] e T.L.A. Marques da Silva [Silva 1979], as duas primeiras apresentadas à FLUC e a última à FLUP.

sugerir que o contributo da Universidade para o desenvolvimento da investigação numismática não deverá ser, pelo menos nos tempos mais próximos, muito diferente do que tem sido até ao presente.

2. OS ESTUDOS DE NUMISMÁTICA ANTIGA EM PORTUGAL

2.1. *Os primórdios*

Perante uma situação do tipo que se acaba de descrever em traços gerais, agravada pela inexistência de uma grande tradição em estudos relacionados com a História da Antiguidade Clássica, bem se compreende que as achegas portuguesas para um melhor conhecimento da Numária Antiga sejam pouco relevantes, quase sempre confinadas à publicação de achados de moedas, coisa em que o nosso país é fértil. Anteriormente ao século XIX merece referência, não pela importância do seu conteúdo mas pelo ineditismo que teve entre nós, o livro de Morganti [1737] cuja primeira parte e única publicada foi consagrada ao estudo das moedas em ouro e prata do Império Romano. O catálogo da colecção do rei Luiz I, elaborado por Aragão [1870], é um dos raros testemunhos em Portugal do florescimento por que passou a numária romana ao longo do século XIX e que se traduziu na publicação de obras de grande importância na época, como sejam as de Mionnet [1807-37], Cohen [1857; 1859-62], Mommsen [1860], Bourlier [1864-69] e Babelon [1885-86] entre outras; se mais não tivesse, o trabalho de Aragão teve sobretudo o mérito de fomentar o gosto pela numária romana entre os coleccionadores portugueses que o utilizaram como obra de referência obrigatória até há bem poucos anos. Entre a imensa bibliografia produzida por J. Leite de Vasconcellos figuram alguns trabalhos dedicados à Numismática Antiga, em geral notícias de achados de moedas¹⁶ ou pequenos estudos relacionados com a numária da Lusitania [v.g. Vasconcellos 1901; 1905], sendo manifesta a falta de um trabalho de fôlego sobre esta temática à semelhança dos que produziu nas áreas da Arqueologia, História Antiga, Filologia e Etnografia.

2.2. *O século XX até 1970*

No nosso século, após os trabalhos de Leite de Vasconcellos e até aos finais da década de cinquenta, pouco se produziu de assinalável. Porém, devemos salientar que é durante este período que se publicam as primeiras listagens de tesouros monetários romanos encontrados em Portugal [Paço 1953 e Viana 1955] e se

16. Publicadas ao longo dos 30 vols do *Archeologo Português* (cf. elenco dos artigos publicados por Vasconcellos nesta revista em Ribeiro 1973 p. 41-48). Para uma panorâmica da actividade numismática de Leite de Vasconcellos é útil a consulta de Martins 1958.

começa a ter também um maior cuidado na classificação das moedas de tesouros, como se pode verificar nas publicações respeitantes aos depósitos do Poio (Sabrosa) [Cortez 1952], da Borralheira (Covilhã) [Heleno 1953] e da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) [Paço de Jalhay 1955].

Dentro deste período também merece uma referência o inventário das moedas gregas, romanas e hispânicas, entre outras, pertencentes ao extinto Museu Municipal do Porto, então depositadas no Museu Nacional Soares dos Reis [Peres 1942]; este livro, baseado numa relação manuscrita realizada por ocasião da transferência das moedas para o Museu Soares dos Reis, é sobretudo importante porque permitirá avaliar até que ponto foi delapidada colecção monetária do Museu Municipal durante o período de cerca de 50 anos que mediou entre o encerramento deste museu e a inauguração do Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto.

A apresentação e posterior publicação da dissertação de licenciatura de M. Hipólito [1959] constitui um avanço significativo da investigação numismática entre nós. Pela primeira vez se divulga um inventário digno deste nome dos tesouros monetários romanos aparecidos em Portugal (139 registos), relação ainda hoje de consulta obrigatória a todos os interessados no estudo deste tipo de achados monetários; na segunda parte do seu trabalho Hipólito analisa em pormenor os tesouros do período 260-282 e a sua possível relação com as invasões germânicas da segunda metade do século III. Até 1970, para além das outras duas dissertações de licenciatura já referidas [Pereira 1967 e Silva 1970¹⁷], pouco mais se produziu na área da Numismática Antiga, havendo no entanto dois livros que devem ser mencionados: o catálogo das moedas em ouro romanas, bizantinas, suevas e visigodas da excelente colecção Pinto de Magalhães –hoje integrada no património da União de Bancos Portugueses [Centeno 1982]– elaborado por Mário Ramires [1963], publicação cuidada e com o particular interesse de uma boa parte das peças catalogadas ser oriunda do território português ou espanhol; o segundo livro, da autoria de Arnaldo Brazão [1963], não é propriamente uma obra de numismática, mas antes uma listagem muito completa de artigos e referências de carácter numismático dispersas por 135 revistas nacionais dos séculos XIX e XX, instrumento de trabalho fundamental a quem queira fazer um estudo numismático para qualquer período da nossa história.

17. Com base neste trabalho Pereira e Bost [1979] apresentaram ao Simpósio Numismático de Barcelona um ensaio sobre a circulação monetária durante o século IV a norte do Douro cujas conclusões devem ser questionadas, dado que uma parte das moedas utilizadas pertenceria ao tesouro de S. João (Vila da Rua, Moimenta da Beira), ou seja, é proveniente de um sítio localizado a sul do rio Douro [Silva 1970 p. 239-41].

2.3. De 1971 a 1980

A década de setenta vai ser marcada pela edição do excelente volume da série *Fouilles de Conimbriga* dedicado às moedas encontradas no decurso das escavações realizadas nesta cidade romana [Pereira; Bost; Hiernard 1974]. Os autores deste livro não se limitaram a fazer um catálogo minucioso das moedas das escavações luso-francesas e a estudar circulação monetária em Conimbriga mas, com base em inventários –nem sempre muito precisos– de achados avulsos e tesouros, procuraram abordar alguns aspectos do entesouramento e circulação monetária da Hispânia romana. O impacto desta obra ultrapassou largamente as nossas fronteiras sendo bem visível a sua influência, por exemplo, no desenvolvimento dos estudos sobre a circulação monetária na Antiguidade que se vêm publicando na vizinha Espanha. Até a 1980, apesar do exemplo de Conimbriga, a publicação cuidada de moedas encontradas em trabalhos arqueológicos continuou a ser praticamente ignorada pelos responsáveis das escavações, constituindo uma excepção os estudos das moedas do Castro de Fiães (Santa Maria da Feira) [Centeno 1975], Citânia de Monte Mozinho (Penafiel) [Centeno 1977a] e Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) [Silva; Centeno 1980].

Durante este período assiste-se a uma significativa melhoria na qualidade dos estudos relativos a tesouros monetários ao mesmo tempo que se torna mais frequente este tipo de publicação; quanto ao último aspecto é de registar a acção da Sociedade Portuguesa de Numismática que, consciente da necessidade de promover a publicação de tesouros e outros tipos de achados de moedas, passou a incluir na sua revista *Nummus*, desde 1979 (2ª série, vol. II. p. 61 e segs.), uma secção denominada de «Achados Monetários» que foi o retomar de uma iniciativa também sua de 1953 (*Nummus* I-3 p. 206 e segs.). Alguns dos tesouros publicados merecem aqui uma referência, seja pela sua excepcionalidade ou pelo interesse do estudo de que foram objecto: os depósitos do Alto do Corgo (Valença) [Centeno 1977b] e da Quinta da Madeira (Covilhã) [Hipólito 1979] que permitiram uma discussão da cronologia e possíveis causas do ocultamento dos tesouros augustanos da Península Ibérica; o importante conjunto de *aurei* aparecido na região de Braga [Centeno 1978] um dos raros tesouros peninsulares de moedas em ouro a ser publicado quase na íntegra; o enorme tesouro do Castro de Alvarelhos (Santo Tirso), infelizmente disperso por ocasião da sua descoberta em 1971, cuja composição é suficientemente conhecida graças ao labor de J. Torres [1979]; e, por fim, tesouro de Idanha-a-Veja (Idanha-a-Nova) composto por mais de mil moedas romanas e ibéricas em prata, ilegalmente saídas do país e que L. Villaronga [1980] teve a felicidade de estudar.

Ao longo destes anos o estudo de colecções monetárias parece não ter despertado grande interesse aos estudiosos, apenas havendo a registar a primeira parte do excelente catálogo das moedas gregas da Colecção Gulbenkian [Robinson; Hipólito 1971] e as relações das moedas hispânicas do Museu de Antropolo-

gia «Dr. Mendes Corrêa» [Centeno 1976] e do Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto [Pereira 1980].

O contributo nacional para o progresso que a Numismática Antiga da Península Ibérica então experimentou é praticamente nulo mesmo em relação aos centros emissores localizados no território actualmente português. Pelo contrário, os novos dados sobre as emissões destas casas da moeda devem-se fundamentalmente à investigação realizada no país vizinho como se pode verificar no manual de Villaronga [1979] ou no estudo de Chaves Tristán [1979-81] a propósito das moedas de Eborac. Os trabalhos produzidos em Portugal sobre esta temática revelam normalmente a falta de preparação dos seus autores para tratar tais assuntos, como se pode constatar, por exemplo, no artigo de S. e O. da Veiga Ferreira [1971-72] a propósito das emissões oriundas das casas da moeda da *Lusitania*.

2.4. De 1981 a 1990

A produção numismática ao longo desta década não foi muito diferente da anterior apesar do maior número de trabalhos publicados e da revelação de novos autores. A pesquisa continuou orientada fundamentalmente para o estudo de tesouros monetários, merecendo uma referência os achados seguintes: o conjunto republicano de *denarii* e peças de ourivesaria encontrado em Santana de Carnota (Alenquer) [Viegas; Parreira 1984]; a publicação das moedas republicanas do tesouro tiberiano (?)¹⁸ da Menoita (Guarda) [Faria 1986]; o depósito júlio-claudiano de Mosteirô (Vila Real) [Parente 1983]; o tesouro de *nummi* tetrárquicos da Citânia de Monte Mozinho (Penafiel), recuperado por S. Lira [1984-85]; o conjunto de 17.851 peças pertencentes a um tesouro múltiplo, da segunda metade do século IV, aparecido em Setúbal no ano de 1957, cuja publicação por cadernos iniciada em 1986 ainda está longe de terminar [Fernandes 1986-]; o depósito de *solidi* dos séculos IV e V da região de Beja [Souto; Leite 1986-87]; por fim, o importante tesouro do início do século V descoberto em Sta. Maria de Émeres (Valpaços) que integraria mais de 100.000 moedas, das quais apenas foi possível estudar até ao momento 3646 exemplares, dada a rápida dispersão do tesouro pelos seus achadores, perante a incapacidade (passividade?) mais uma vez manifestada pelas autoridades competentes em impedir tais situações [Albuquerque 1984-85; Hipólito 1985-86; Marques, Amaral 1986; Oliveira, Camilo, Luna 1986-87; Maciel 1987; Centeno, Souto 1988]. Neste grupo podemos incluir ainda alguns trabalhos que não são ou não se confinam a meros estudos de um tesouro como: o estudo de A. Faria [1987a] para o vale do Tejo a propósito do relacionamento de alguns tesouros monetários com tempos de guerra ou de instabilidade política e/ou social; o contributo, do mesmo autor, para um inventário dos achados monetários do distri-

18. Centeno 1978b p. 56, nota 11.

to da Guarda [Faria 1985]; a nossa abordagem à problemática da circulação das moedas do tipo *Divus Claudius* na Península Ibérica [Centeno 1981-82] ou mesmo o nosso estudo sobre a possibilidade de alguns pequenos conjuntos monetários do século IV tidos como tesouros, mais não serem que simples depósitos funerários [Centeno 1990].

Os estudos monográficos do material monetário avulso exumado em escavações arqueológicas, fundamentais para o conhecimento da circulação monetária numa dada região, foram praticamente ignorados pela investigação, pouco mais havendo a registar do que o pequeno artigo de A. Faria [1984-85] dedicado às moedas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil).

A nossa dissertação de doutoramento [Centeno 1987]¹⁹ constitui uma primeira tentativa de estudo da circulação da moeda e do entesouramento em todo o noroeste peninsular até aos finais do século II, com base num inventário de tesouros e achados avulsos anteriormente publicados ou inéditos. Esta obra é mais um contributo para uma melhor compreensão do processo de romanização do Noroeste, esperando nós que sirva de estímulo à realização de novas investigações que cubram primordialmente os séculos III a V para os quais a quantidade de material disponível é imensamente superior.

Durante os anos oitenta a investigação referente à numária da Hispânia na Antiguidade e, de modo particular, às emissões oriundas das casas da moeda localizadas em território actualmente português, manteve-se em níveis muito incipientes bem patentes na qualidade confrangedora da quase totalidade dos trabalhos dados à estampa que, por isso, nos abstermos de citar. Salva-se o estudo sobre a casa da moeda de Ipses, com localização provável nas ruínas de Vila Velha (Alvor, Portimão), cujas emissões se poderão colocar *grosso modo* na primeira metade do século I a C. [Faria 1987-88], as interessantes observações de A. Faria [1987b] a propósito das peças em chumbo cunhadas na *Lusitania* e, apesar das deficiências que evidencia, o estudo das emissões plúmbeas de Balsa e Ossonoba efectuado por R. e M. Gomes [1981-83]. Ainda dentro deste sector são dignos de nota dois recentes artigos de A. Faria [1989b: 1989c], um sobre as moedas batidas em Cantnipo, topónimo sugerido por este investigador para o povoado que no tempo de Sextus Pompeius passará a designar-se Salacia (hoje Alcácer do Sal), e, o outro, a propósito das emissões octavianas de Pax Iulia (Beja). Por último, uma referência ao artigo de J.-P. Bost e M. Campo [1990] onde se faz uma análise comparativa de três casas da moeda lusitanas –Pax Iulia, Ebora e Emerita– com base na dispersão das suas emissões.

O estudo modelar das duas tetradracmas encontradas na Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia), realizado por M. Hipólito [1981-83], deve ser também aqui referenciado. Para além da análise detalhada das moedas, o citado autor coloca, de modo

19. Veja-se também a recensão crítica de A. Faria [1989a] a este livro.

pertinente, algumas reticências à possibilidade do achado ter ocorrido em Portugal, hipótese que dados recolhidos posteriormente não parecem confirmar.²⁰ Ainda a propósito da numária grega não podemos esquecer a recentíssima publicação da segunda e última parte do catálogo das moedas gregas da Colecção Gulbenkian [Jenkins; Hipólito 1990], sem dúvida, mais uma obra de grande interesse a acrescentar à bibliografia da especialidade.

Apesar de todas as limitações já apontadas, o trabalho desenvolvido ao longo de todos estes anos, mormente o das duas últimas décadas, foi lançando alguma luz sobre a difusão e o comportamento da moeda nesta região mais ocidental da Península Ibérica durante o domínio romano, permitindo mesmo ligeiras abordagens a esta temática, até há poucos anos ignorada, em duas recentes edições consagradas à História de Portugal.²¹

3. A INVESTIGAÇÃO NUMISMÁTICA: QUE FUTURO?

A panorâmica nada animadora que acabamos de dar daquilo que, em nossa opinião, se fez de mais significativo no âmbito da Numismática Antiga em Portugal, parece prenunciar que as perspectivas da investigação nesta área para os anos mais próximos não serão as melhores ou, pelo menos, muito diferentes das actuais. Na verdade, se não se imprimir um maior dinamismo ao ensino e à pesquisa nesta disciplina, nomeadamente com a criação de estruturas de apoio à investigação –necessidade sentida por M.C. Hipólito [1971] já há vinte anos– de preferência em instituições que possuam bons monetários (v.g., o Museu Numismático Português) e possibilidades de integração e formação de pessoal especializado, muito dificilmente se ultrapassará o estádio actual de desenvolvimento dos estudos numismáticos.

No campo da investigação numismática relacionada com a ocupação pelos Romanos do território actualmente português muito há para fazer. Uma prioridade será a inventariação dos tesouros monetários e seu tratamento informático à semelhança do que se vem fazendo em diversos países europeus, como na vizinha Espanha cujo programa NUMTES, da responsabilidade do Ministério da Cultura,²² engloba também a informatização dos achados ocorridos em território português, facto bem elucidativo do nosso atraso nesta matéria, agravado pela inexistência de qualquer projecto similar da parte da entidade nacional competente (o IPPC?). A curto prazo corremos o risco de assistir a uma situação bizarra como

20. Centeno 1987 p. 1987 p. 190-1 e 281.

21. Centeno 1983 p. 197-200; Alarcão 1990 p. 437-41.

22. Este projecto espanhol é bastante ambicioso, prevendo também a informatização dos achados estratigrafados de estações arqueológicas (NUMYAC), dos achados isolados (NUMAIS) e dos numofilícios existentes em museus (NUMCOL). Sobre este projecto e seu desenvolvimento cf. Volk, Campo, Tarradell-Font 1983 e Martín-Bueno, Volk, Campo 1984.

esta: os dados referentes aos tesouros monetários aparecidos em Portugal estarão centralizados em Madrid que poderá instalar um terminal de computador em Lisboa para os investigadores e outros interessados portugueses terem acesso a estes dados! Esta observação não significa que rejeitemos quaisquer contactos e participação em programas internacionais no âmbito da investigação neste sector, o que aliás sempre temos defendido, mas serve tão somente para chamar a atenção da necessidade de contactos com as entidades responsáveis espanholas para negociar a nível oficial os moldes de uma eventual participação portuguesa nesta iniciativa o que, pensamos, será benéfico para o nosso país e sobretudo para o próprio projecto.

No referente aos outros tipos de achados monetários também se deveria incentivar a sua inventariação, estudo e, dentro das possibilidades, publicação, com particular destaque para o material oriundo de escavações, fundamental para o estudo da circulação monetária, isto sem esquecer o seu importante contributo no estabelecimento de cronologias mais rigorosas das respectivas estações arqueológicas.

Uma outra vertente da investigação incidiria na realização urgente de estudos monográficos sobre as diferentes casa da moeda que terão funcionado na Antiguidade em território actualmente português. Este tipo de trabalhos, recorrendo a uma inventariação muito minuciosa do material, ao registo de achados, ao estudo de cunhos e, entre outras, a análises ponderais e metalográficas, permitirá um melhor conhecimento destas cunhagens nos seus múltiplos aspectos, em muitos casos ainda hoje ignorados, tais como a localização de alguns centros emissores, os sistemas ponderais e tipos de metal utilizados, o número e cronologia das emissões, as quantidades de moeda produzida e a área de difusão do numerário procedente de cada casa da moeda. Acreditamos que esta será a área onde teremos capacidade para realizar uma investigação de ponta e com resultados muito relevantes para o progresso dos estudos da numismática da Hispânia Antiga.

Enfim, um outro caminho a seguir seria o da exploração científica das grandes colecções de moedas existentes no país, quase sempre votadas ao abandono e muitas vezes delapidadas. Por precaução proceder-se-ia numa primeira fase à microfilmagem de todos os numofilácios públicos, ou pelo menos dos mais desprotegidos, o que permitiria controlar e desencorajar quaisquer acções fraudulentas que, infelizmente, poderão ser mais frequentes do que estamos a imaginar. Mas a etapa fundamental seria o estudo das colecções que, para além de constituir mais uma manifestação importante da valorização do nosso património cultural, poderia trazer algumas novidades e contribuições de relevo para o desenvolvimento da Numismática.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de 1990, *Nova História de Portugal, I. Portugal das origens à romanização*, coordenação de Jorge de Alarcão, Lisboa.
- ALBUQUERQUE, E. 1984-85, «O tesouro monetário do lugar de Torre. Subsídio para o seu estudo», *Nummus* 2ª série VII/VIII p. 83-130.
- ARAGÃO, A.C. TEIXEIRA DE 1870, *Descrição histórica das moedas romanas existentes no Gabinete Numismático de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Luiz I*, Lisboa.
- ARAGÃO, A.C. TEIXEIRA DE 1874-80, *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, 3 vols., Lisboa.
- BABELON, E. 1885-86, *Description historique et chronologique des monnaies de la République Romaine vulgairement appelées des monnaies consulaires*, 2 vols., Paris-Londres.
- BABELON, J. 1961, «Numismatique», in *L'Histoire et ses méthodes*, dir. de Ch. Samaran, (Encyclopédie de la Pléiade), Paris, p. 329-92.
- BOST, J.-P.; CHAVES, F. 1990 «Le rayonnement des ateliers de Pax Iulia, Ebora et Emerita: essai de géographie monétaire des réseaux urbains de la Lusitanie romaine à l'époque julio-claudienne. *Les villes de Lusitanie romaine: hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du CNRS (Talence, le 8-9 décembre 1988)*, Paris 1990 p. 115-21.
- BOURLIER, P.P. 1864-1969, *Recherches sur la monnaie romaine*, 4 vols., Lyon.
- BRAZÃO, A. 1963, *Numismólogos contemporâneos e a sua actividade cultural*, Lisboa.
- CENTENO, R.M.S. 1975, *Moedas romanas do Castro de Fiães*, Relatório do Seminário de Arqueologia apresentado à FLUP, Porto (trabalho dactilografado inédito).
- CENTENO, R.M.S. 1976, *Moedas hispano-romanas no Museu de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» (Porto)*, (Trabalhos do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» 32), Porto.
- CENTENO, R.M.S. 1977a, «As moedas», in C.A.F. de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho, II: 1975-1976*, Penafiel, p. 39-46.
- CENTENO, R.M.S. 1977b, «O tesouro de *denarii* do Alto do Corgo (concelho de Valença)», *Conimbriga* XVI p. 93-101.
- CENTENO, R.M.S. 1978a, «Um tesouro de *aurei* do Norte de Portugal», *Nummus* 2ª série I p. 37-98.
- CENTENO, R.M.S. 1978b, «Quatro *denarii* de Monte Mozinho (Penafiel)», *Boletim do Ginásio Clube Vilacondense* 3 p. 55-59.
- CENTENO, R.M.S. 1981-1982, «A circulação dos *Divo Claudio* na Península Ibérica: notas sobre um tesouro do concelho de Amarante», *Portugalia* Nova série II/III p. 121-29.
- CENTENO, R.M.S. 1982, «A colecção numismática da União de Bancos Portugueses», *1ª Exposição Nacional de Numismática, Casa do Infante 26 de Junho a 4 de Julho*, Porto, p. 101-104.
- CENTENO, R.M.S. 1983, «A dominação romana», *História de Portugal*, vol. I, dir. J.H. Saraiva, Lisboa, p. 149-211.
- CENTENO, R.M.S. 1987, *Circulação monetária no noroeste de Hispânia até 192*, (Anexos *Nummus* nº 1), Porto.
- CENTENO, R.M.S. 1990, «Um conjunto de moedas romanas de Valinho (Bostelo, Amarante): tesouro ou depósito funerário?», *Entremuros. Revista Cultural de Amarante* 1 p. 21-30.
- CENTENO, R.M.S.; SOUTO J.M.V. 1988, «Notícia de uma moeda helenística do tesouro de Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços)», *Nummus* 2ª série XI p. 91-93.
- CHAVES TRISTÁN F. 1979-1981, «Las cecas hispano-romanas de Ebora, Iulia Traducta y Colonia Romula», *Numisma* XXIX p. 9-91; XXXI p. 33-71.
- COHEN, H. 1857, *Description générale des monnaies de la République Romaine communément appelées médailles consulaires*, Paris-Londres.
- COHEN, H. 1859-62, *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain*, 6 vols., Paris (2ª ed., 8 vols., Paris 1880-92).
- CORTEZ, F. RUSSELL. 1952, «O tesouro monetário do lugar do Poio (Paradela de Guíães). Contributo numismático para o estudo da romanização da região do Douro», *Nummus* I-1 p. 6-37.
- ECKHART, J. 1792-98, *Doctrina nummorum veterum*, 8 vols., Viena.
- FARIA, A.M. de 1984-85, «As moedas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)», *Nummus* 2ª série VII/VIII p. 37-42.
- FARIA, A.M. 1985, «Subsídios para um inventário dos achados monetários no distrito da Guarda», *Bibliotecas, Arquivos e Museus* 1 (2) p. 679-89.

- FARIA, A.M. 1986 «O tesouro monetário da Menoita (Guarda)», *Numismática* XII 42-43 p. 18-23.
- FARIA, A.M. 1987a «Guerras e conflitos no vale do Tejo na Antiguidade: o testemunho dos tesouros monetários», *Arqueologia no vale do Tejo*, Lisboa p. 60-61.
- FARIA, A.M. 1987b, «Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português», *Numismática* XIV 47 p. 24-28.
- FARIA, A.M. 1987-1988, «Ipsos, uma ceca hispano-romana do Sudoeste», *Acta Numismática* 17-18 p. 101-104.
- FARIA, A.M. 1989a «Sobre a moeda no Noroeste da Hispânia. Alguns comentários ao recente livro do Doutor Rui Centeno», *Arqueologia* 20 p. 90-6.
- FARIA, A.M. 1989b, «A numária de *Cantipo», *Coninbriga* XXVIII p. 71-79.
- FARIA, A.M. 1989c, «Sobre a data de fundação de Pax Iulia, *Coninbriga* XXVIII p. 101-109.
- FERNANDES, J.A. DE C. 1986, *Tesouro monetário romano da área urbana de Setúbal*, Lisboa (publicação em cadernos anexos à revista *Numismática* desde o nº XII 40-41, Janeiro-Junho 1986; até ao momento apenas foram editados 5 cadernos num total de 50 páginas!)
- FERNANDES, M.B. LOPES 1857, *Memoria das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos Romanos até ao ano de 1856*, Lisboa.
- FERREIRA, S. E O. DA VEIGA 1971-1972, «Numária lusitana», *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa* série III 75/78 p. 47-79.
- GOMES, R. F M. VARELA 1981-1983, «Novas moedas hispânicas de Balsa e Ossonoba», *Nummus* 2ª série IV/IV/VI p. 155-82.
- HELENO, M. 1953, «O tesouro da Borrallheira (Teixoso)», *O Arqueólogo Português* 2ª série II p. 213-26.
- HIPÓLITO, M. DE CASTRO 1959, *Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, em especial de alguns da segunda metade do séc. III d. C.*, Coimbra (= *Coninbriga* II-III 1960-61 p. 1-166).
- HIPÓLITO, M. DE CASTRO 1971, «A necessidade de um centro universitário de estudos de numismática», *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, II, Coimbra, p. 559-70 (= *Nummus* X-1 1973 p. 39-51).
- HIPÓLITO, M. DE CASTRO 1979, «Tesouro monetário da Quinta da Madeira (Ferro, Covilhã)», *Nummus* 2ª série II p. 65-71.
- HIPÓLITO, M. DE CASTRO 1981-1983, «As moedas gregas da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia)» *Nummus* 2ª série IV/IV/VI p. 81-90 (= *Arqueologia* 8 1983 p. 75-82).
- HIPÓLITO, M. DE CASTRO 1985-1986, «Achado monetário de Torre: mais um caso modelar de arqueologia numismática em Portugal», *Moeda* X p. 86-7, 123-25, 151-54; XI p. 36-8, 165-68.
- JENKINS, G.K.; HIPÓLITO, M.C. 1990, *A catalogue of the Calouste Gulbenkian Collection of greek coins. Part II: Greece to East*, 2 vols., Lisboa.
- LIRA, S. 1984-85, «Um tesouro monetário romano do Monte Mozinho» *Nummus* 2ª série VII/VIII p. 59-75.
- MACIEL, M.J.P. E T.D.P. 1987, «O tesouro monetário romano de Santa Maria de Émeres (Valpaços)», *Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio Veiga Ferreira*, Lisboa p. 309-19.
- MARQUES, J.A.M.; AMARAL, L.M.C.G. 1986, «Moedas romanas de Santa Maria de Émeres (Valpaços)», *Revista de Ciências Históricas* I p. 101-25.
- MARTÍN-BUENO, M.; VOLK, T.R.; CAMPO, M. 1984, «Base de datos para los hallazgos monetarios», *Gaceta Numismática* 74-75 p. 31-9.
- MARTINS, A.P. 1958, «José Leite de Vasconcellos e a Numismática», *Nummus* V-I p. 3-9.
- MONNET, T.E. 1807-37, *Description des médailles antiques grecques et romaines*, 15 vols., Paris.
- MOMMSEN, TH. 1860, *Die Geschichte des römischen Münzwesens*, Berlim (ed. francesa pelo Duque de Blacas e A. de Witte, *Histoire de la monnaie romaine*, 4 vols., Paris 1865-75).
- MORGANTI, B. 1737, *Numismatologia ou breve recopilação de algumas medalhas dos imperadores romanos de ouro, prata, e cobre, que estão no Museu de Lourenço Morganti*, Lisboa.
- OLIVEIRA, F.; CAMILO, F.; LUNA, I. 1986-87, «Mais dois lotes de moedas do tesouro de Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços)», *Nummus* 2ª série IX/X p. 115-48.
- PAÇO, A. 1953, «Citânia de Sanfins, III – Breve notícia de um tesouro monetário», *Brotéria* LVI p. 673-89.
- PAÇO, A. 1955, «Tesouro monetário da Citânia de Sanfins», *Anais da Academia Portuguesa da História* II série 6 p. 189-275.
- PARENTE, J. 1982, «Tesouro numismático do Reguengo, Vila Pouca de Aguiar», *Revista de Guimarães* XCII p. 231-315.

- PARENTE, J. 1983, «Tesouro de denários de Mosteirô», *Revista de Guimarães* XCIII p. 246-67.
- PEREIRA, M.I.S. 1967. *Moedas das termas de Conimbriga*, Coimbra (trabalho policopiado inédito).
- PEREIRA, M.I.S. 1980. «Moedas hispano-romanas do Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto», *Conimbriga* XIX 1980 p. 129-45.
- PEREIRA, M.I.S. : BOST, J.P. 1979. «Aspects de la circulation monétaire du 4e siècle au nord du Douro», *Symposium Numismático de Barcelona* II, Barcelona p. 87-94.
- PEREIRA, I. : BOST, J.-P.; HIENARD, J. 1974. *Fouilles de Conimbriga, III. Les monnaies*, Paris.
- PERES D. 1942. *Museu Nacional Soares dos Reis. Relação das moedas gregas-romanas-bizantinas, bárbaras e árabes*, Porto.
- [RAMIRES, M.] 1963. *Colecção numismática Pinto de Magalhães. Catálogo*, vol. I. Porto.
- RIBEIRO, M. 1973, *O Arqueólogo Português. Índices dos volumes I-XXX (1885-1938)*, Tomo I, Lisboa.
- ROBINSON, E.S.G.; HIPÓLITO, M.C. 1971. *A catalogue of the Calouste Gulbenkian Collection of greek coins*. Part I: Italy, Sicily, Carthage, 2 vols., Lisboa.
- SILVA, A.C.F. DA; CENTENO, R.M.S. 1980, «Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), 1977-1978», *Portugalia* Nova série I p. 57-78.
- SILVA, T.L.A.M. DA 1970, *Moedas romanas do Museu Nacional de Soares dos Reis*, Porto (trabalho policopiado inédito).
- SOUTO, J.M.V.; LEITE, J.M.F. 1986-1987, «Notícia de um tesouro de *solidi* aparecido em Beja», *Nummus* 2ª s. IX/X p. 111-14.
- TAVARES, M.J.P. FERRO 1981, *Subsídios para o estudo da História Monetária do século XV (1448-1495)*, Lisboa (= *Nummus* 2ª série IV/VI 1981-1983 p. 9-59).
- TORRES, J. 1979, «Tesouro monetário do Castro de Alvarelhos. Estudo numismático-sérieção cronológica e histórica», *Santo Tirso. Boletim Cultural Concelho* I 2-3 p. 3-250.
- VASCONCELOS, J. LEITE DE 1901, «Les monnaies de la Lusitanie Portugaise», *O Archeologo Português* VI p. 81-89.
- VASCONCELOS, J. LEITE DE 1905, «Signification religieuse, en Lusitanie, de quelques monnaies percées d'un trou», *O Archeologo Português* X p. 169-75 (= *Opúsculos*. V. Etnologia (Parte I), Lisboa 1938 p. 111-22).
- VASCONCELOS, J. LEITE DE 1923, «Da Numismática em Portugal», *Arquivo da Universidade de Lisboa* IX.
- VIANA, A. 1955 «*Denarii* do Museu Regional de Beja», *Arquivo de Beja* XII p. 140-63.
- VIEGAS, J.R.; PARREIRA, R. 1984, «Der Schatzfund von Santana da Carnota (Alenquer/Portugal)», *Madridrer Mitteilungen* 25 p. 79-91.
- VILLARONGA, L. 1979, *Numismática Antigua de Hispania. Iniciación a su estudio*, Barcelona.
- VILLARONGA, L. 1980, «Tresor de Idanha-a-Velha (Castelo Branco, Portugal) de denaris romans, ibèrics i dracmes d'Arse», *Numisma* XXX 165-167 p. 103-117.
- VOLK, T.R.; CAMPO, M.; TARRADELL-FONT, N. 1983, «Tesoros monetarios de Hispania Antigua: proyecto para un banco de datos e inventario», *Numisma* XXXIII p. 9-41.